

Que fazer?

Adelino Francisco de Oliveira¹

Não se trata de escolher um caminho,
mas de saber quais passos práticos
devemos dar sobre uma rota já
traçada, e precisamente de que modo.
Se trata do método e do plano de
atividade prática.

(Vladimir Lenin, *Por Onde Começar?*)

A construção de uma sociedade equânime, sedimentada em uma democracia de alta intensidade, aberta à diversidade e multiplicidade do humano, com estruturas voltadas ao pleno desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito – reconhecido em sua dignidade –, talvez se constitua como a grande rota já devidamente traçada, o caminho a ser vislumbrado e sedimentado no contemporâneo.

No entanto, em um cenário antipolítico de pura distopia, marcado por tantos reveses e retrocessos estruturais e conjunturais, torna-se urgente definir metodologias de ação, alcançar alguma clareza por onde começar e saber também o que fazer, contra o risco do imobilismo e da perplexidade.

Talvez seja fundamental, em um primeiro movimento, reforçar a convicção de que a perspectiva de uma sociedade para todos deve se compor como o horizonte utópico inegociável. Su-

plantar estruturas que gerem opressão e exploração configura-se como tarefa inspiradora, a atribuir pleno sentido à existência. A causa da justiça, da liberdade

¹ Professor de Filosofia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Piracicaba. Pesquisador no Observatório de Criminalização da Pobreza e dos Movimentos Sociais. E-mail: adelino.oliveira@ifsp.edu.br

se compõe como a única luta que de fato importa.

É preciso, antes de tudo, manter uma certa lucidez e equilíbrio emocional, para não sucumbir diante de tantas posturas absurdas, carentes de um mínimo de sensatez, reveladoras de limitadíssimas visões de mundo. O triunfo momentâneo da ignorância e da estupidez pode ser mesmo perturbador. Ações ignominiosas, a produzirem verdadeiras atrocidades, que se levantam contra a dignidade da vida, podem causar profundo desalento. Para continuar caminhando, faz-se necessário uma fortaleza interior, inspirada, talvez, em uma perspectiva estoica.

A constância do pensar crítico e problematizador configura-se como outro elemento basilar para o desvelamento e superação de horizontes estreitos, decorrentes de concepções alienadoras e ideológicas. Atento às contradições da realidade, o exercício do pensamento não se deixa manipular por ardis sensacionalistas e fake news. O pensamento crítico tem sempre um potencial emancipador, capaz de conduzir a processos de libertação existencial e também social. A capacidade de pensar abre perspectivas criativas de articulação, possibilitando vislumbrar estratégias para se suplantar determinada realidade. Neste processo, rompe-se com o pensamento imediato, superficial, cotidiano, dando visibili-

dade à compreensão histórica e universal da condição humana.

É fundamental aprofundar o campo da práxis política, de maneira a avançar na compreensão teórica e no fortalecimento da

militância e do engajamento político. Os discursos antipolíticos, que negam a política e buscam, inclusive, a destruição dos partidos, só servem para inviabilizar a mobilização, luta e conquista por direitos. A política se constitui como a via para toda e qualquer transformação social. É

por meio da política – do exercício do poder como serviço à coletividade – que se constrói o bem comum. Para uma práxis política libertadora, torna-se preciso a consolidação de uma democracia de alta intensidade, com plena participação popular. É tarefa urgente e irrevogável da política edificar a cidade como o espaço de todos os cidadãos, com vistas à felicidade.

Uma radical e revolucionária transformação da sociedade pode ter como origem mudanças cotidianas, a atingirem as relações na esfera micro. Em âmbito menor, com abrangência mais restrita, profundas transformações podem ser gestadas. Há uma força potencial nos pequenos gestos, capaz de irradiar grandes transformações. Muitas vezes pequenas atividades, inseridas no mais cotidiano da vida, tornam-se relevantes e duradouras iniciativas, abrindo novas possibilidades para o conjunto da sociedade. É sempre necessário ter uma visão macro dos problemas que definem a realidade, mas é importante também não se perder de vista que as ações e intervenções são implementadas no contexto mais local.

É imprescindível estreitar ao máximo os vínculos com as bases da sociedade, ouvindo e dialogando com o povo, de maneira a partilhar o cotidiano da vida e caminhar ao seu lado. O movimento de inserção não significa, de forma alguma, instrumentalizar o povo. Representa assumir a perspectiva do povo, em uma organicidade criativa, para promover, a partir das bases, a radical transformação que se almeja. No chão da vida, junto ao povo, nas experiências existenciais mais cotidianas, há uma dimensão de solidariedade, de uma profunda esperança, de uma sociabilidade aberta e fraterna.

A falsa noção de que a história segue um curso linear não passa de ideologia, a serviço da manutenção de um estado de coisas. A concepção de que a história avança em um movimento dialético sustenta a esperança de que a resistência e luta produzirão frutos, resultados. Isso não significa aderir a uma leitura triunfalista e messiânica da história, mas possibilita sair do imobilismo, com a confiança de que é apenas a luta quem movimenta a história. Uma outra realidade, compondo uma nova sociabilidade, pautada no princípio da alteridade, pode ser historicamente forjada.

A perspectiva dialética evidencia que não há como prosperar condutas fatalistas, que pretendem certificar a pobreza, a exploração, a opres-

são e a violência estrutural como fenômenos naturais, alheios ao movimento histórico e à liberdade humana. Não se impõe o final da história com o triunfo do capitalismo, que nivela o humano a partir das relações de troca e da lógica de mercado – como sugeriu Fukuyama. Muito mais pertinente, em respeito às lutas e movimentos que arrebatam as rupturas e revoluções, é a reflexão do mestre Paulo Freire, segundo o qual é preciso entender o humano como um ser inacabado, aberto, lançando-se para a compreensão de si e da sociedade a partir de sua inserção concreta neste imenso mundo.

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.